Entre terreiros, periferias e trabalho sexual: os desafios da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na formação de antropólogos/as[1]

Louise Prado Alfonso- Universidade Federal de Pelotas - UFPel - RS- Brasil
Martha Rodrigues Ferreira- Universidade Federal de Pelotas - UFPel - RS- Brasil

Este texto objetiva apresentar alguns debates e resultados das ações desenvolvidas a partir da articulação do projeto de pesquisa *Margens: Grupos em Processos de Exclusão e suas Formas de Habitar Pelotas/RS* e três projetos de extensão: *Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas/RS; Passo dos Negros: Exercício de Etnografia coletiva para antropólogos/as em formação; e Mapeando a Noite: o universo travest*i. Todos os projetos são coordenados pela primeira autora deste texto e desenvolvidos no âmbito do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

O Projeto de *Pesquisa Margens: Grupos em Processos de Exclusão e suas formas de Habitar Pelotas* objetiva o estudo da cidade a partir de grupos e comunidades que diariamente sofrem diversos processos de exclusão. A abordagem se dá junto aos grupos envolvidos nos projetos de extensão mencionados, que apontam para uma cidade em movimento. Partimos da premissa de AGIER (2015) sobre o fazer-cidade como o meio para o "direito à cidade". Entendemos a cidade como virtual, transformada constantemente. Assim como para o autor, o projeto considera as margens como uma posição política e epistemológica, compreendida na relação com o centro, "que pode ser entendida como os modos de habitar que não seguem um determinado modelo de cidade" (FERREIRA et al, 2018, p.1). O movimento é essencial nesta concepção de uma cidade em constante construção, sendo o deslocamento um fator relevante para as análises (AGIER, 2015, p.9).

As ações dos projetos partem de atividades da extensão como rodas de conversa, exposições, propostas de patrimonialização, entre outras demandas de comunidades, que geram dados que alimentam o projeto de pesquisa e seguem para reflexões e debates em disciplinas obrigatórias e optativas do Bacharelado em Antropologia e do Programa de pós-graduação em Antropologia, ambos da UFPel. Esse processo levanta debates que voltam às comunidades e projetos, também resultando em uma gama de trabalhos acadêmicos.

Os projetos de extensão partem de demandas de comunidades à equipe do projeto *Margens*. Em 2015 a Comunidade Beneficente Tradicional de Terreiro (CBTT) Caboclo Rompe Mato Ilê Axé Xangô e Oxalá, procurou o Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) solicitando auxílio no processo de elaboração de um dossiê com o objetivo de solicitar a patrimonialização da Casa. Faz-se interessante ressaltar que Pelotas foi envolvida em uma gama de ações de políticas públicas nacionais e estaduais de valorização do patrimônio histórico. Possui centenas de edificações inventariadas e, em 2018, teve parte de seu acervo arquitetônico reconhecido enquanto Patrimônio Nacional

[1] Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Na mesma ocasião, também teve sua produção doceira reconhecida. Assim, por décadas, o debate sobre a patrimonialização de bens culturais esteve presente na cidade. Embora a seleção de bens valorize o patrimônio de uma elite branca e cisheteronormativa, os constantes debates favoreceram o reconhecimento da patrimonialização enquanto uma ferramenta de luta de diversas comunidades por visibilidade de suas narrativas e trajetórias. Foi buscando o fortalecimento das narrativas negras e de terreiros que a CBTT buscou a equipe do *Margens* propondo uma parceria no desenvolvimento do dossiê, o que gerou o Projeto de extensão *Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas*.

A confecção do mencionado dossiê durou dois anos. Este processo se faz interessante para pensarmos a temática de interesse deste trabalho. Uma das lideranças da Casa, Paulo de Xangô, passou a ser o principal interlocutor do projeto articulando as ações com as lideranças. Paulo se sentiu motivado a prestar o Mestrado em Antropologia da UFPel para aprofundar os debates que estávamos fazendo no âmbito da elaboração do pedido. Seu ingresso no Programa por meio das políticas de ações afirmativas é algo que deve ser destacado e, apresentaremos mais adiante, parte dos debates por ele apresentados em sua dissertação, defendida em 2019.

Outra comunidade que demandou apoio da equipe do *Margens* trata-se da que vive no Passo dos Negros, região da periferia de Pelotas, localizada às margens do Canal São Gonçalo, atrás do shopping. O Passo dos Negros, foi o primeiro porto da cidade. Tratava-se de um entreposto comercial de cobrança de taxas no período das charqueadas, locais de produção de carne salgada denominada de charque. Além do porto, a região apresenta uma gama de caminhos por onde as tropas passavam para a circulação do gado que atendia as charqueadas. O corredor das tropas trata-se de um caminho importante e tem um braço na região do Passo dos Negros. Neste local encontra-se, também, uma ponte que foi construída em 1854 para a passagem do gado, construída por mão de obra escravizada e listada no Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural de Pelotas (SILVEIRA, 2018, p. 1).

Silveira relata que a formação da cidade se deu a partir do complexo de comercialização e produção de charque, sendo a região do Passo dos Negros crucial neste processo. Segundo Gutierrez (1993) na região ainda se localizava um conjunto de charqueadas. Em período posterior, ali foi construído pelo Coronel Pedro Osório o Engenho Pedro Osório, para beneficiamento de arroz "que permaneceu em atividade até 1994." (SILVEIRA, 2018, p. 1).

Lideranças dos movimentos negros consideram a região como referência para a história negra de Pelotas. Destacamos que Pelotas é a região com maior população negra do estado do Rio Grande do Sul. População essa totalmente invisibilizada nas narrativas locais. A região passa hoje por intensos processos de gentrificação e especulação imobiliária. O que era periferia esquecida, hoje passa a ser local de interesse para moradia das elites locais. A construção de grandes condomínios de luxo vem causando uma gama de conflitos na localidade, inclusive com a ameaça de remoção de moradores/as/us para lugares mais distantes. As lideranças passaram a considerar a história local e seus vínculos com a região como importante ferramenta de luta contra os condomínios e pela permanência na localidade. A partir de intervenções das construtoras na paisagem,

ameaçando marcos dessa história, moradores/as/us solicitaram à equipe reuniões sobre a possibilidade da patrimonialização de alguns elementos e narrativas e sobre os benefícios, ou não, desta para aquele grupo. Após vários encontros, o projeto *Narrativas do Passo dos Negros: Exercicio de Etnografica coletiva para antropologos/as em formação* passa a trabalhar com a comunidade na elaboração de um documento, que foi finalizado e enviado ao IPHAN em 2019.

Ambos os documentos foram elaborados a partir de ações participativas diversas, organizadas em parceria com estes grupos, atendendo demandas pontuais das lideranças ou buscando o debate junto à sociedade.

Também apresentamos aqui o projeto de extensão *Mapeando a Noite: o Universo Travest*i, este iniciado em 2016, a partir da demanda das trabalhadoras sexuais travestis da cidade de Pelotas. Estas reivindicavam a legitimação de suas demandas na luta contra a transfobia e escassez de projetos da universidade que considerassem suas narrativas. O próprio nome do projeto parte da escolha dessas interlocutoras. Em 2017, após o falecimento de uma das interlocutoras do projeto, começamos a atender novas demandas que chegaram ao grupo, mas agora, de toda a comunidade LGBTQIA+. O projeto passa a ser convidado para realizar rodas de conversas em escolas, participa da organização da Parada da Diversidade da cidade, é convidado para organizar exposições. Ao mesmo tempo, a equipe do projeto vai se reconfigurando, e assim, surgem novas demandas das pesquisas dos/as/es próprios/as/es membros do projeto. Outra alteração importante foi o atendimento de demandas relacionadas às mulheres trabalhadoras, após o encerramento do projeto de extensão O *Trabalho Doméstico entre o passado e o presente*.

Todos os debates realizados junto às comunidades acima apontadas consideram a importância da indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão nas universidades públicas brasileiras. As equipes dos projetos são interdisciplinares (antropologia, geografia, arquitetura, arqueologia, turismo, ciências sociais, artes, história) e envolvem pessoas da graduação e da pós-graduação da UFPel e de outras universidades. Embora sejam equipes diferentes, estas estão articuladas pelas ações do Margens que envolvem, ao menos, duas ações importantes anuais, uma exposição durante as comemorações do Dia do Patrimônio[2] da cidade e o evento Cidades em Transe. Os resultados das ações dos projetos, das atividades do *Margens*, são debatidos pelas equipes e em disciplinas. As reflexões geram novos diálogos e ações junto às comunidades e embasam uma gama de pesquisas acadêmicas.

Cabe destacar que a universidade e o Plano Nacional de Extensão reconhecem como uma diretriz para o fortalecimento da extensão o vínculo com as disciplinas, formalizado no projeto pedagógico dos cursos, adequados às realidades de cada universidade.

[2] O "Dia do Patrimônio" da cidade de Pelotas é um evento anual iniciado no ano de 2013, organizado pela Secretaria Municipal de Cultura (SECULT) de Pelotas, que busca promover os patrimônios da cidade valorizando-os a partir de diferentes ações durante um final de semana de agosto. Em 2016, em sua 4ª edição, o evento recebeu o prêmio "Rodrigo Melo de Franco de Andrade , na categoria "Iniciativas de excelência em promoção e gestão compartilhada do Patrimônio Cultural, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

> Um dos passos fundamentais em direção à universalização da Extensão Universitária está em sua inclusão nos currículos, flexibilizando-os e imprimindo neles um novo significado com a adoção dos novos conceitos de 'sala de aula' e de 'eixo pedagógico'. É importante ter claro que não se trata apenas de aproveitamento de créditos oriundos de atividades extensionistas, para efeitos de integralização curricular ou de criação de novas disciplinas relacionadas com a Extensão Universitária, mas, sim, de sua inclusão criativa no projeto pedagógico dos cursos universitários, assimilando-a como elemento fundamental no processo de formação profissional e de produção do conhecimento (PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2012, p. 53).

Considerando a importância da indissociabilidade da tríade ensino-pesquisa-extensão para a formação de antropólogos/as/es, o Bacharelado em Antropologia foi o primeiro curso da universidade a formalizar a curricularização da extensão. Isso se deu de maneira fluida, pois esta articulação já acontecia em diferentes disciplinas. Diferentemente de outros cursos que demoraram, inclusive, para reconhecer a importância da extensão na formação de estudantes.

Às discussões teóricas das disciplinas que se vincularam ao Margens, buscamos intercalar saídas de campo coletivas, ações dos projetos, falas de interlocutores/as/us de modo a valorizar a importância da articulação teoria-prática para a compreensão da cidade, ressaltando o olhar dos grupos que a constroem e praticam. A ideia foi o movimento ação-reflexão-ação das práticas pedagógicas e de pesquisa das disciplinas, aproximando-se dos modos de construção de conhecimento da antropologia, "que constrói e desconstrói seus objetivos de pesquisa a partir de sua maneira particular, empírica, relacional e reflexiva de apreender o campo." (SEVAIO, 2018, p. 3)

Assim, a ação dos projetos se dá dentro das disciplinas, levando demandas e debates, mas também se dá dentro das disciplinas quando os estudantes produzem suas reflexões na prática levando os debates para os projetos, voltando para pesquisa e para a sala de aula, a partir de aproximações com outros temas e outras disciplinas.

Para Ingold, as malhas são produzidas pelos "artefatos do cotidiano" (INGOLD, 2005, p. 2), neste caso os conceitos, teorias, grupos e comunidades, coisas, que se relacionam, cada um tece caminhos, que se cruzam e formam uma malha, assim "o mundo vivo é tecido" (2005, p. 20).

Na imagem abaixo, imaginamos que cada uma dessas ações-reflexões-ações são linhas que se cruzam, se amarram pelas suas aproximações, se deslocam lado a lado em um ponto em comum, cada conceito, cada projeto, se costura em diferentes temporalidades em que sujeitos e coisas, em movimento se entrelaçam em uma malha. Esta imagem compõe os debates apresentados na Monografia de conclusão do Bacharelado em Antropologia, com título provisório de *Margens: (des)caminhos entre ensino, pesquisa, extensão e etnografias coletivas*, em elaboração pela segunda autora deste texto. A monografia visa apresentar reflexões sobre o projeto de pesquisa Margens e a construção de etnografias coletivas na produção de conhecimento, a partir da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão aqui apresentadas, como forma de potencializar a formação de estudantes de graduação em antropologia.

IMAGEM 1: Concepção cartográfica das relações entre pesquisa-ensino-extensão do *Margens* com recursos visuais que provoquem a ideia de malha (INGOLD).

Fonte: Acervo do Projeto *Margens*

É a partir dessa ideia de malhas de experiências, relações e saberes que vamos construindo esta tríade ensino-pesquisa-extensão no *Margens*.

Cidades e suas Margens: trajetos, percursos e mapas

Escolhemos para apresentar no presente texto, alguns dos resultados alcançados a partir da disciplina *Seminários em Antropologia* (optativa da graduação) *e Tópicos especiais em Antropologia e Arqueologia* (optativa da pós-graduação*) "Cidades e suas Margens: trajetos, percursos e mapas",* que teve como objetivo discutir a abordagem antropológica para o estudo das cidades, técnicas, métodos e processos de pesquisa a partir de conceitos como margens, trajetos, percursos e processos de gentrificação. Considerando a multidisciplinaridade para refletir sobre método nos estudos urbanos, debatendo sobre representação, dinâmicas de espaços urbanos e territorialidades, com o exercício de campo e o resultado da disciplina sendo a construção de cartografias.

A temática da disciplina foi pensada pois os debates no âmbito dos projetos exigiam aprofundamentos na compreensão dos conceitos de Margens e trajetos, a ideia era discutir especificidades da abordagem antropológica para o estudo das cidades, buscando entender apropriações, dinâmicas e tensões do espaços urbanos – e suas territorialidades – a partir dos conceitos de margens, trajetos, percursos e processos de gentrificação. Buscou, ainda, apresentar e refletir sobre métodos e técnicas de pesquisa associadas a mapeamentos nas Ciências Humanas, propondo exercício de campo para a realização de Mapas pautados em temas e recortes atuais da antropologia urbana.

> Foi proposto, no início do semestre, um trabalho final em grupo, uma espécie de experimento etnográfico coletivo. A escolha dos "temas" partiu, sobretudo, da curiosidade intelectual dos/das discentes, conectando leituras diversas sobre o mundo e também escolhas teóricas nas quais se exercita a produção de

> conhecimento a partir das práticas de pesquisa e de extensão dos membros dos grupos. Os trabalhos que resultaram desse processo possibilitaram, então, o cruzamento dos saberes dos/das discentes, da docente e também dos/das interlocutores. (SEVAIO, 2018, p. 2).

Após a visita a diferentes contextos e o diálogo com grupos diversos, os diferentes grupos passaram a apresentar seus trabalhos de forma escrita e por uma cartografia visual. Deste modo, aqui iremos descrever a trajetória de três destas cartografias. Ressaltamos que a disciplina foi ministrada em 2018, mas até o ano corrente (2020) os debates que emergem delas estão presentes nos projetos e são pensados, reformulados e constantemente possibilitam novas reflexões.

A primeira trata-se da cartografia intitulada "As resistências cotidianas das trabalhadoras sexuais na cidade de Pelotas-RS"[3]. Esta foi proposta por integrantes do projeto de extensão *Mapeando a Noite* que estavam cursando a disciplina. A proposta de pensar as casas de prostituição partiu da Mestranda Vanessa Avila Costa que teve como tema de sua dissertação de mestrado as casas de prostituição do início do século XX, pesquisa em andamento naquela ocasião. A cartografia foi produzida a partir do conceito de cartografia social, trazendo reflexões de Deleuze e Foucault, pautada ainda no desenho de "diagramas, que não se referem à topografia, mas a uma topologia dinâmica, a lugares e movimentos de poder, traçando diagramas de poder, expondo linhas de força, enfrentamentos, densidades, intensidades" (FERREIRA et al, 2018, p. 1).

A tentativa foi de pensar mapas que desconstruíssem a cartografia tradicional, que apresenta fronteiras estáticas, destituídas de movimento e que não privilegiam as experiências das pessoas e seus modos de viver e construir a paisagem. "um mapeamento que possui fronteiras estáticas, destituído de movimento e que não privilegia as experiências das pessoas e sua relação com a paisagem" (COSTA, 2020, p. 33). A proposta foi apresentar a possibilidade de cartografias das margens, concebidas de modo a evidenciar diferentes formas de habitar a cidade, de vivenciar o seu cotidiano, compreendendo a subversão de grupos sociais em processos de exclusão, desconstrução das fronteiras que lhes são impostas, já que são estes grupos que constroem a cidade por meio de diversas táticas de resistência. (CERTEAU in FERREIRA et al, 2018, p. 1)

O grupo buscou realizar um mapeamento que apresentava, além das casas de prostituição do passado e do presente, também as trabalhadoras sexuais "da rua", a partir de observações etnográficas e da conversa com a Mestra Griô Sirley Amaro, que relembrou suas memórias de vida próximo ao antigo ponto de prostituição da cidade. Destacamos também que a conversa com a mestra foi realizada para a produção do vídeo arqueológico "Evocando Paisagens: Uma Cartografia de Memórias da Griô", este vídeo também foi apresentado na disciplina como uma cartografia das margens, e foi construído na disciplina de Vídeo Etnográfico, ministrada pela professora Cláudia Turra (COSTA, 2020).

[3] Esta cartografia foi elaborada por: Vanessa Avila Costa, Martha Rodrigues Ferreira, Wagner Previtali e Binô Mauirá Zwetsch.

O resultado final trouxe reflexões sobre “as formas de resistir das trabalhadoras sexuais no cotidiano de Pelotas, não só no passado, mas também no presente, pensando em um projeto para o futuro, frente aos processos de higienização ocorridos na cidade e ao apagamento de suas memórias (FERREIRA et al, 2018, p. 2). A cartografia ainda buscou uma crítica à história oficial e processos de patrimonialização da cidade que valorizam apenas a história de homens brancos da elite, assumidamente heterossexuais e cisgêneros, por meio da preservação dos casarões da elite charqueadora (2018, p. 2).

IMAGEM 2: Cartografia “As resistências cotidianas das trabalhadoras sexuais na cidade de Pelotas-RS”.

Fonte: Acervo do Projeto *Margens*

Essa cartografia entra para os debates do referido projeto, sendo adicionada à expografia da exposição *Margens: diferentes formas de habitar Pelotas*, para a programação do Dia do Patrimônio, que ocorreu nos dias 17, 18 e 19 de agosto de 2018 no Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense. A exposição contou com um módulo para cada projeto de extensão vinculado ao Margens, sendo um deles o módulo do projeto Mapeando a Noite.

As exposições anuais do Margens durante este evento são uma forma de protesto, pois buscam apresentar uma outra narrativa sobre a cidade de Pelotas e sobre seus patrimônios, destacando as narrativas de grupos e comunidades que são invisibilizados nesta “Pelotas” que se quer mostrar. No módulo das trabalhadoras sexuais e da comunidade LGBTQIA+ a cartografia auxiliou na mediação com o público, principalmente com o público infantil. Evidenciamos que o formato em desenho e colagens foi responsável “por aproximar as crianças do mapa, que também realizaram seus próprios desenhos em uma cartolina deixada em frente à exposição, a fim de que a comunidade manifestasse seus lugares preferidos na cidade.” (FERREIRA *et al*, 2018, p. 3-4). Durante a mediação com o público, a equipe do projeto utilizou da cartografia como aporte visual para a transposição dos debates ocorridos em sala de aula e os comentários

e desenhos do público, posteriormente, foram trabalhados nas reuniões semanais do projeto.

> "Destacamos que o trabalho sexual é considerado um tema supostamente complicado para se tratar com o público infantil. Porém, através da cartografia, conseguimos dialogar com as crianças e esperamos que este debate venha a somar na luta contra a transfobia pelas futuras gerações. Nosso objetivo com esta exposição foi sensibilizar a comunidade pelotense a refletir sobre os patrimônios institucionalizados da cidade e as histórias que são contadas a partir deles, para propor a construção de uma narrativa de patrimônio compartilhada, despertando seus sentidos de pertencimento e afeição a determinados lugares que consideram importantes para si. Ademais, mostrar que elas, assim como outros grupos, também fazem parte da história da cidade" (FERREIRA *et al*, 2018, p. 3-4).

Todos estes debates foram apresentados em diferentes eventos e publicações. A cartografia também foi apresentada na Exposição *Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas* do ano de 2019. Destacamos aqui a dissertação de mestrado intitulada *As Manifestações das Paisagens Ocultadas: Arqueologia da Pelotas de Trabalhadoras Sexuais*, anteriormente mencionada, que foi defendida em 2020, que discorre sobre este processo. Além de apresentar outras ações desenvolvidas nesta articulação ensino-pesquisa-extensão vinculadas ao *Margens* e ao projeto *Mapeando a Noite*.

A segunda cartografia que apresentamos aqui foi denominada *Cidade conceito, cidade vivida, Passo dos Negros*[4]. O trabalho foi vinculado ao projeto de extensão *Narrativas do Passo dos Negros*, a equipe do trabalho foi compposta por estudantes da pós-graduação e graduação, sendo alguns parte da equipe do projeto. A cartografia buscou "elaborar formas de mapear o Passo dos Negros, a partir de narrativas, fotos e mapas" (SILVEIRA *et al*, 2018, p. 1), segundo as autoras cruzando o fazer cidade de Agier (2015) e o fazer-antropológico. A cartografia foi produzida a partir de saídas de campo, e participação em uma roda de conversa realizada pelo projeto de extensão, vinculada ao evento do *Margens* denominado Cidades em Transe: Margens em Transformação. A ideia foi

> "A análise das transformações, dinâmicas e permanências no espaço urbano/rural do lugar, foi construída a partir dessas narrativas dos moradores, adicionada do recurso da linguagem fotográfica, que desperta um novo olhar e novas perspectivas ao juntar texto e imagem. Alguns desses moradores foram operários do Engenho desativado e busca-se articular suas vivências do passado com as suas práticas e trajetórias cotidianas do lugar, que tecem as condições determinantes da vida social da cidade (CERTEAU, 2007)." (SILVEIRA *et al*, 2018, p. 2).

IMAGEM 3: Cartografia "Cidade conceito, cidade vivida, Passo dos Negros".

[4] Esta cartografia foi elaborada por Melina Monks da Silveira, Simone Fernandes Mathias, Joanna Munhoz Sevaio, Gustavo Fiorini Marques e Marcela Dos Santos Dode.

Fonte: Acervo do Projeto *Margens*

Em 2018 esta cartografia também fez parte da expografia da exposição, no módulo do Passo dos Negros, que foi montado junto à comunidade. Os objetos do módulo e debates que levaríamos para a sociedade mais ampla foram escolhidos pelas lideranças. Foram selecionados banners, fotos, cartazes, etc e a cartografia foi apresentada como um cartaz. Após a avaliação da exposição, consideramos que ela teve pouco destaque em 2018. Assim, em 2019 na exposição *Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*, ela compôs um banner, e conformou parte dos debates da mediação junto ao público.

Em 2020, devido à pandemia da covid-19, o grupo optou por produzir pela segunda vez a 2ª edição da *Exposição Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*[5], mas desta vez, de forma virtual. Retornando pautas que emergiram dos debates com moradores/as/us da comunidade durante a concepção da cartografia *Cidade conceito, cidade vivida, Passo dos Negros*, a exposição digital optou por produzir uma nova cartografia, desta vez interativa, seguindo a ideia de um *tour virtual*,

> [...] criar um roteiro virtual para a própria comunidade do Passo dos Negros atendendo a um pedido deles, através de elementos que a comunidade se identifique. Elementos esses que foram apontados pelos próprios moradores. As diferentes narrativas guiaram o processo de construção do tour - pontos referenciais e histórico desses marcos do Passo dos Negros, onde a construção do conceito de Patrimônio foi feita em conjunto com a comunidade. [...] o conteúdo dos totens informativos são textos que trazem o conhecimento dos

[5] Esta exposição está disponível no link: https://wp.ufpel.edu.br/margens/

> moradores que habitam a região há anos. (SILVEIRA *apud* MARGENS, 2020b).

Sendo assim, são três anos de trabalho com esta cartografia, aos debates da disciplina mencionada ainda foram adicionados debates das disciplinas Patrimônio cultural e Antropologia em Contextos de Conflito, que geraram o módulo atual da exposição virtual. Estes trabalhos foram apresentados em diferentes eventos e contribuíram nas reflexões de, ao menos, três pesquisadoras em seus trabalhos acadêmicos. Melina Monks da Silveira trabalha a cartografia em sua dissertação em andamento no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel, Simone Fernandes Mathias em sua dissertação sobre os conflitos no Passo dos Negros junto ao PPGAnt também apresenta esta cartografia, ambas em processo de finalização. Marcela dos Santos Dode traz alguns debates decorrentes deste processo em sua monografia de conclusão de curso do Bacharelado em Antropologia na UFPel, com linha de formação em Arqueologia, defendida em 2019.

A terceira cartografia[6] teve um processo muito interessante, foi vinculada ao projeto de extensão *Terra de Santo*. Na disciplina em apreço, não haviam estudantes da equipe do projeto, porém três estudantes do Bacharelado em Antropologia, sendo um deles neopentecostal, escolheram a temática das Casas de religiões de matrizes africanas para a realização do mapeamento. Durante os encontros das disciplinas o grupo mudou várias vezes a proposta da cartografia, considerando não conhecerem lideranças, apontarem para a dificuldade de agendamento de conversas, entre outros desafios que enfrentaram para a realização da atividade. Por fim, o grupo optou por uma estratégia diferente, decidiu mapear as lojas de artigos religiosos do centro de Pelotas, apontando para os produtos que circulavam pela cidade, etc. O olhar para o tema pela materialidade foi pautado por um dos estudantes que era da linha de formação em arqueologia. Destacamos que nunca havíamos considerado estas lojas nos debates do projeto de extensão. O grupo apresentou uma cartografia esquemática que mostrava a localização das casas no centro, o impacto dos processos de higienização do Mercado Público de Pelotas para as vendas e sobrevivência das lojas e apontou para uma dinâmica de trajetos que os Terreiros faziam pela cidade.

A convite da docente, um dos estudantes deste grupo, no semestre seguinte foi apresentar a cartografia em uma reunião do *Terra de Santo,* estes debates foram incorporados às ações dos projetos junto às lideranças. O interlocutor da CBTT Paulo de Xangô, então mestrando em antropologia, incorporou estas reflexões em sua pesquisa denominada *Fluxo de axé em uma Pelotas sacralizada, etnografia da Grande Festa pelos passeios pela cidade*, defendida em 2019. Neste trabalho ele apresenta os trajetos de algumas Casas de religiões de matrizes africanas de Pelotas nos preparativos e realização da Grande Festa e dos passeios, rituais de iniciação de pessoas nas Nações do Rio Grande do Sul. Paulo destaca o movimento que Religiosos de Matrizes Africanas produzem ao

[6] Cartografia elaborada por Elieser Martins Araújo, Jorge Luís Miranda Abel e Richard Leal Freiesleben

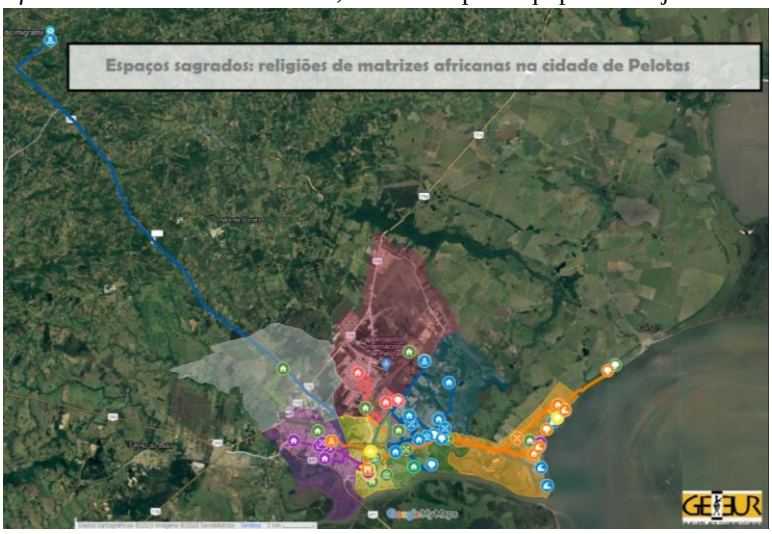
fazer cidade (AGIER, 2015), a partir dos seus caminhos em Pelotas para a realização dos rituais. Ele afirma Pelotas enquanto local Sagrado.

Assim, o debate que se iniciou em um grupo de trabalho da disciplina gera reflexões no projeto de extensão, que se incorporam em pesquisas, neste caso na dissertação de mestrado de um dos integrantes da equipe do projeto Terra de Santo. Os debates acerca do fazer cidade a partir dos trajetos realizados por estas religiões seguem em debate no projeto. Estima-se que a cidade de Pelotas abriga aproximadamente duas mil Casas destas religiões, sendo assim, trata-se de uma população muito representativa e invisibilizada. Estes trajetos e debates entraram nas exposições de 2018 e 2019. Mas, destacamos aqui a exposição digital *Patrimônios Invisibilizados* de 2020, que apresenta na aba referente ao projeto Terra de Santo, mapas produzidos pela equipe, intitulados de *Espaços Sagrados: Religiões de Matrizes Africanas na cidade de Pelotas.* Estes são resultados de anos de debates provenientes daquela experiência. Foram pensados de forma a mostrar que os Terreiros

> [..] criam trajetos ao se movimentarem na cidade, desde sair de suas casas, se locomover até o Terreiro, realizar rituais em lugares importantes (matas, cachoeiras, cemitérios, igrejas, praias), ir até lojas que vendem produtos de religião. (MARGENS, 2020).

Assim, desenha-se uma cidade sagrada pois, "o sagrado vive em cada um" (MARGENS, 2020), conforme falas de interlocutores/as/us. Como aponta o mapa abaixo, cada cor é referente a um bairro da cidade, os ícones "Casa" representam os Terreiros/as que traçam caminhos (os traços mais compactos), até os locais que religiosos de algumas Casas consideram importantes e frequentam para as suas práticas religiosas.

IMAGEM 4: Mapa dos trajetos de 19 Terreiros na cidade de Pelotas, *Espaços Sagrados: Religiões de Matrizes Africanas na cidade de Pelotas,* elaborado pela equipe do Projeto *Terra de Santo*



Fonte: Acervo do Projeto *Margens*

Assim como estas cartografias aqui apresentadas, outras foram produzidas no âmbito da disciplina, envolvendo pessoas em situação de rua, pixos e seus trajetos no

bairro Porto de Pelotas e população carcerária. Desde 2018 estas propostas geram debates e ações não apenas junto aos nossos projetos, mas também fora do *Margens*.

Desafios

Os trabalhos apresentados são exemplos da importância da indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão, visto que o ensino tem a potencialidade de fomentar relevantes debates para as pesquisas, utilizando da prática extensionista como objeto de estudo prático e responsável, possibilitando que estudantes aprendam a teoria na prática, a partir da experiência (BONDIA, 2002).

> Extensão Universitária apresenta potencialidades não apenas de sensibilizar estudantes, professores e pessoal técnico-administrativo para os problemas sociais. Enquanto atividade produtora de conhecimento, ela também melhora a capacidade técnica e teórica desses atores, tornando-os, assim, mais capazes de oferecer subsídios aos governos na elaboração das políticas públicas. (PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2012, p.24.)

As produções teóricas e de engajamento social que foram geradas nesta relação estão diretamente ligadas à formação acadêmica de estudantes, assim como destacado nas diretrizes da extensão relacionadas ao "Impacto na Formação do Estudante", segundo o Plano Nacional de Educação (2012)

> As atividades de Extensão Universitária constituem aportes decisivos à formação do estudante, seja pela ampliação do universo de referência que ensejam, seja pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas que possibilitam. Esses resultados permitem o enriquecimento da experiência discente em termos teóricos e metodológicos, ao mesmo tempo em que abrem espaços para reafirmação e materialização dos compromissos éticos e solidários da Universidade Pública brasileira. (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO, 2012, p.34)

Embora haja o esforço de institucionalização e conformidade nos parâmetros norteadores da extensão para o Brasil, são enormes os desafios que impedem que estas diretrizes sejam efetivadas na prática, possibilitando um melhor andamento dos projetos e uma melhor relação com a comunidade de forma a cumprir o papel social do ensino público.

Desde 2016, para concretização desta proposta que ressalta a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na formação acadêmica e na constituição de saberes, temos considerado e refletido sobre os limites das universidades na formalização destas ações. Aqui apresentaremos alguns destes desafios com os quais temos lidado em nossa universidade ao longo do tempo.

O sistema da UFPel duplica as horas docentes quando ministrada uma única disciplina que envolva graduação e pós-graduação, pois o cadastro considera duas disciplinas diferentes. Diante desta constatação, foi solicitado que as equipes técnicas responsáveis pelos cadastramentos revissem esta prática, já que as disciplinas conjuntas

estavam previstas no Plano Pedagógico do Bacharelado em Antropologia e, inclusive, a iniciativa havia sido considerada inovadora na última avaliação do MEC (Ministério da Educação). Porém, a prática teve que ser suspensa e os debates ainda geram embates. Apesar da universidade ter como base a tríade ensino-pesquisa-extensão, e estar fomentando a extensão a partir da Curricularização, existem burocracias que não legitimam os saberes das comunidades como por exemplo, não há normatização que possibilite a participação de pessoas das comunidades nas bancas de avaliação de pesquisas, já que são exigidos títulos de pós-graduação. Ou ainda formas de pagamento de diárias para Mestres de griôs ou lideranças com saberes específicos que participam ministrando palestras em disciplinas específicas.

Outro elemento é que atuamos com grupos e comunidades que possuem relações tensas com o Estado. Nossa tentativa é de valorizar a parceria de interlocutores/as/us com a elaboração de certificados de palestrantes e participantes nas ações. Porém o sistema da universidade exige que para a liberação dos certificados, sejam cadastrados no sistema cada pessoa de fora da universidade, para tanto, é necessária a inserção no sistema de número de RG, CPF, data de nascimento etc. Muitos/as/es interlocutores/as/us se negam a passar estas informações para a equipe. Ao mesmo tempo que se proíbe a emissão de certificados pelos projetos e laboratórios. Novamente o sistema restringindo as possibilidades de relação com as comunidades e grupos parceiros dos projetos.

Por fim, apenas neste ano de 2020, o sistema da UFPel tem possibilitado a articulação burocrática entre ensino, pesquisa e extensão por meio do módulo projetos unificados. Anteriormente não era possível vincular disciplinas aos projetos pois as Pró-reitorias não permitiam, bem como inserir ações de pesquisa nos módulos de extensão. O que impossibilitava a formalização das ações de forma a comprovar as tentativas de articulação da tríade ensino -pesquisa- extensão.

Identificamos assim, que ações de inovação pedagógicas ficam dependentes de processos técnicos de outros setores da universidade. Estes embates foram pauta de debate nos encontros com as chapas que concorreram à Reitoria da universidade no ano corrente. Esperamos que possam ser resolvidos.

Embora ainda estejamos engatinhando nas possibilidades de aproximação, consideramos o trabalho realizado enquanto inovador, mesmo para a antropologia que trata-se de área pioneira neste processo. Esperamos que as trocas durante eventos científicos possibilitem novas propostas de articulação que garantam inovações na formação de antropólogos/as/es.

Apresentados os casos, entendemos que é possível exercer a etnografia por meio da prática extensionista, sendo uma prática interessante relacionada ao que Peirano (1992) chamou de teoria vivida. A extensão universitária se apresenta aqui, como um exemplo, da relação campo / teoria

> É nesse contexto que sugiro que a (boa) etnografia de inspiração antropológica não é apenas uma metodologia ou uma prática de pesquisa, mas a própria teoria vivida. Uma referência teórica não apenas informa a pesquisa, mas é, ela mesma, o par inseparável da etnografia. É o diálogo íntimo entre ambas, teoria e etnografia, que cria as condições para a renovação e sofisticação da disciplina — a "eterna juventude" de que falou Weber. No fazer etnográfico, a teoria está,

> de maneira óbvia, em ação, emaranhada nas evidências empíricas. Mais: a união de etnografia e teoria não se manifesta apenas no exercício monográfico. Ela está presente no dia a dia acadêmico, em sala de aula, nas trocas entre professor e aluno, nos debates com colegas e pares, e especialmente na transformação de eventos de que participamos ou que observamos em "fatos etnográficos", como diria Evans-Pritchard. Desta perspectiva, a etnografia é uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria em ação. (PEIRANO, 2007, p.7)

Propomos que este fazer antropológico se dê por meio da experiência do/a/e estudante de antropologia nas práticas extensionistas. Ocupando também um lugar nas margens (AGIER, 2015), um lugar político e epistemológico, que atue junto às comunidades, buscando a valorização de saberes e legitimação de diferentes narrativas constituidoras da cidade.

Agradecimentos
Este trabalho apenas é possível pela dedicação de toda a equipe do Projeto Margens, que envolve as equipes dos projetos de extensão. Também agradecemos à FAPERGS, CNPQ e à pró-reitoria de extensão da UFPEL pelas bolsas que permitem dedicação de estudantes aos projetos. Mas, principalmente, às/aos interlocutores/as /us que constroem conosco estas atividades e reflexões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGIER, M. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana**. vol.21 no.3 Rio de Janeiro. Dez. 2015

ALFONSO, L; RIETH, F. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto bem cultural. In: SCHIAVON, Carmem Burget; PELEGRINI, Sandra de Cássia. (Org.) **Patrimônios Plurais:** iniciativas e desafios. Rio Grande; Ed. da FURG, v.p.131-147, 2016.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p.20-28, 2002.

COSTA, V. A. **As Manifestações das Paisagens Ocultadas:** Arqueologia da Pelotas de Trabalhadoras Sexuais**.** 2020. 162f. Dissertação (Mestrado em Antropologia com área de concentração em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

DODE, M. S. **Outras temporalidades do Passo dos Negros:** a leitaria na visão da arqueologia da paisagem**.** Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Antropologia) - Bacharelado em Antropologia com área de concentração em Arqueologia, Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2019.

FERREIRA, M. R. **Margens: (des)caminhos entre ensino, pesquisa, extensão por etnografias coletivas.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) - Bacharelado em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. No prelo.

FERREIRA, M. R.; COSTA, V. A. ; PREVITALI, W. ; ALFONSO, L. P.. O potencial da cartografia das margens na construção de contra-narrativas patrimôniais da cidade: Em foco o trabalho sexual em Pelotas. In: Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão, IV. 2018, Pelotas. A**nais do IV Congresso De Ensino De Graduação**. Pelotas: UFPEL, 2018. p. 1-4.

FREITAS, P. R. B. **Fluxo de Axé em uma Pelotas Sacralizada, Etnografia da Grande Festa pelos Passeios pela Cidade**. 2019. 156f.. *Dissertação* (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

GUTIERREZ, E. **Barro e sangue***:* mão de obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888). Pelotas; Ed. UFPEL, 2004.

INGOLD, T. Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descobridor-caminho e navegação. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 76-110, 2005.

PEIRANO, M. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe**. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 2, 2008.

MARGENS. **Patrimônios Invisibilizados***:* Para Além Dos Casarões, Quindins E Charqueadas. UFPEL, 2020a. Página Inicial. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/margens/. Acesso em: 2 de Setembro de 2020.

MATHIAS, S. F. **Territórios negros em Pelotas:** o caso do Passo dos Negros. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020. No Prelo

PEIRANO, M. A Favor da etnografia. **Série Antropologia**. Brasília, 1992.

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras / ***Política Nacional de Extensão Universitária.*** 2012. Partes 4 e 5, p. 28 a 36.

SEVAIO, J. M. ; ALFONSO, L. P. . CIDADE E SUAS MARGENS: TEORIA E PRÁTICA PARA OUTRA EDUCAÇÃO POSSÍVEL. In: Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão IV. 2018, Pelotas. **Anais do IV Congresso de Ensino de Graduação**. Pelotas: UFPEL, 2018.

SILVEIRA, M. M. ; MATHIAS, S. F.; SEVAIO, J. M.; MARQUES, G. F.; DODE, M.;

ALFONSO, L. P. Cidade-Conceito E Cidade-Vivida: Mapeamento Das Dinâmicas E Temporalidades No Espaço Urbano/Rural Do Passo Dos Negros Em Pelotas/Rs. In: Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão IV. 2018, Pelotas. **Anais do IV Congresso de Extensão e Cultura**. Pelotas: UFPEL, 2018. p. 1-4.

SILVEIRA, M. M. **Transformações e permanências na paisagem do Passo dos Negros em Pelotas/RS**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. No Prelo